

# Cadernos CulturAche

ADEPAC: Cultura, Tradições e Costumes

Este Caderno é Suplemento ao Boletim nº 234 – Ano XVIII, mês de Setembro de 2024 — Nº 5

## Curiosidades & Afins

### Toponímia de São Miguel de Acha

In “Lenda e História, do Concelho de Idanha-a-Nova. A Língua dos Fenícios, Cartagineses e Lusitanos na Região”, segundo ANTÓNIO MARIA ROMEIRO CARVALHO, 2017, pp: 52, 64, 76, 114, 126:127, 129:130.

#### Introdução

A toponímia de uma localidade é um elemento fundamental para o entendimento da sua história e cultura, refletindo as influências linguísticas, sociais e religiosas que moldaram uma região ao longo dos séculos. Esta investigação foi efetuada por **António Romeiro Carvalho**, em 2017, tendo sido publicada pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. O autor procura explorar significados da toponímia, lendas e história das freguesias do concelho, que se encontram associadas à sua cultura, provando, no seu entendimento, que os topónimos do concelho de Idanha-a-Nova, bem como a língua falada pelos lusitanos, são de origem fenício-cananita-cartaginesa. O *Boletim CulturAche*, publica nesta edição, o que Romeiro Carvalho escreveu sobre São Miguel de Acha, e como as lendas, crenças populares e interpretações históricas contribuem para a formação e evolução dos nomes das suas ruas e locais emblemáticos.

#### SÃO MIGUEL DE ACHA

«Gruta dos holocaustos à deusa»; «Muitos ídolos têm eles».

Segundo A. Romeiro Carvalho, A. Milheiro (2002) apresenta duas explicações para o nome da aldeia: uma intelectual, outro popular. Para a primeira, utiliza Pinho Leal, para quem Acha é «incontestavelmente árabe»; uma outra, que diz vir de vivente, nome próprio de mulher, *Ayxa* ou *Aixa*<sup>1</sup>; seguindo David Lopes, Acha é uma palavra latina arabizada vem de *Aciem* (luta, batalha, combate), que deu *Atchiem*, *Aicha* e Acha. Esta batalha terá sido ganha pelos cristãos por favor de São Miguel, daqui o nome.

A lenda, continua A. Milheiro, diz que a princesa muçulmana *Ache* deu o nome à sua aldeia. Depois de derrotados pelos cristãos, os mouros mudaram para a outra margem do ribeiro. Este dividia as duas aldeias: São Miguel e Acha. Mais tarde, casou o capitão com a princesa, entretanto convertida ao cristianismo, e unifica-

ram-se as duas aldeias, no espaço e no nome. Da primeira, *aciem* dar acha, só por «malabarismos» de um senhor *magister dixit*. Da segunda, é uma lenda. Analise-se. Ficarem dois povos com religiões diferentes, e em guerra, separados apenas por um ribeiro, é improvável. Além disso, Acha é povoação mais antiga que a Reconquista. Mas, como todas as lendas, a base é histórica. É uma princesa moura que reina, uma mulher lindíssima. O ribeiro separa dois povos e duas religiões. Vejamos a versão que se segue, a minha opinião.

Acha, mais «uma acha para a fogueira» são, literalmente e genericamente paus para o fogo<sup>2</sup>. Acha, segundo Luiz (1837), vem do hebraico *ascha* (o que vai ser queimado, abrazado, sacrifício, holocausto). Miguel, de acordo com Moisés E. Santo (2004), é corruptela fonética de *megile*<sup>3</sup> (gruta, caverna). São Miguel é a cristianização de *megile*, por ser o santo cuja sonoridade do nome mais se aproxima. Esta cristianização, através da diabolização de um ritual é, igualmente, fácil de observar na iconografia, que coloca São Miguel com lança atacando o dragão (fogo) ou o diabo, envolvido ou não em fogo. São Miguel de Acha é o lugar que tem a gruta onde são feitos holocaustos à deusa. Moura é uma deusa ligada à sexualidade, como mostram as centenas de lendas de mouras encantadas, e a princesa sucede a anteriores deusas. A deusa será *Anat* ou *Anta*<sup>4</sup>, irmã e consorte de *Baal*. Não admira que, depois da afirmação do catolicismo no império romano, houvesse duas comunidades religiosas em Acha: uma católica, vencedora; outra cananita-lusitana<sup>5</sup> vencida. Prova é a alcunha dos miguelenses. J. Dias escreve que em «S. Miguel muito pichel»<sup>6</sup>. (1929, p. 211). Pichel vem de *psl/pèsel* (ídolo, imagem, escultura). Próximos, estão *psil* (ídolo, imagem), *psl* (esculpir, talhar), *pslt* (incisão, escultura). Significa: em São Miguel de Acha há muitos ídolos, que eles esculpem. Em São Miguel de Acha esculpem ídolos, imagens. Acrescente-se que, nos terrenos de São Miguel de Acha há muitas das ditas «sepulturas escavadas na rocha», que, para A. Romeiro Carvalho (2009), são «turibolos mitraicos» [incensários]<sup>7</sup>, o que acrescenta uma outra religião vencida e que entra no rol das religiões pagãs.

## Longa/Longra: Origem e Interpretação

LONGA/ LONGRA: (Almirante Gago Coutinho) é por ser comprida? Tem uns 60 metros. Outras haverá tão ou mais compridas. Moisés E. Santo (2004) recomenda que, mesmo quando o topónimo aparece já escrito há muitos anos, se devem ouvir os habitantes da povoação para perceber a vocalização do nome. Isto porque o intelectual ou escritor, não entendendo ou não conhecendo a palavra, colocou uma semelhante, que conhece. Será LONGRA? Se for, lg gr (cântaros dos peregrinos). Significa: Rua segundo Moisés E. Santo (1989) vem de onde eram colocados os cântaros (de água) para os peregrinos (beberem). Peregrinos que se dirigiam a um santuário. *Anatu*, em Oledo e São Miguel de Acha (...).

## Tronco: O Significado na Comunidade

Tronco" é outro topónimo de relevância histórica, designando uma rua que leva ao local onde se ferrava o gado, uma prática comum em aldeias como Oledo e São Miguel de Acha. A. Romeiro Carvalho relaciona esse nome com a função prática que a rua possuía na organização rural, uma tradição que ainda pode ser observada em Proença-a-Velha, onde pedras erguidas no Largo do Corro indicam a existência de um tronco.

## Porta e Baluarte <sup>8</sup> : Simbolismo e Defesa

A análise de A. Romeiro Carvalho sobre o topónimo "Porta" revela que, em São Miguel de Acha, esta designação não indica necessariamente a existência de uma estrutura física como uma muralha, mas sim uma entrada simbólica na povoação. Porta no sentido de rua e de entrada na povoação. Neste caso, do lado Sul. Porta não significa a existência de uma porta ou muralha. Porta pode ter apenas existência simbólica, caso, também das Portas do Castelo, em São Miguel de Acha.

O termo "Baluarte", por sua vez, é associado ao conceito de refúgio e defesa, derivando de raízes que implicam o exercício da autoridade. A. Romeiro Carvalho destaca a importância simbólica de tais nomes, conectando-os à história defensiva e espiritual da aldeia.

## Rua do Reduto

São Miguel de Acha tem ainda restos de um reduto, pequeno forte isolado. O mesmo topónimo aparece em Alcains, mas sem residual material. Vem de *ridutu* (sucesso, acampamento, escolta). Significa: rua do acampamento. Almeida (2013) apresenta o radical *redu* (seguir a direcção de, direcção). Completando com Santo, th (h), (ordenar, decretar) ou to (atacar). Significa: ordenar a direcção, ordenar o ataque. Significados próximos <sup>9</sup>.

## Fonte dos Sinos

Si (navio, demónio) + *nôh/nôha* (descanso, repouso). Significa: fonte onde repousa o demónio. Santo escreve que vem de *sinn* (volta, curva). Significa: fonte que fica na curva, na volta.

## Fonte do Arrojado

*aroi* (fundo) + *adôn* (senhor, chefe, patrão, dono). Significará: fonte do senhor do fundo.

## Conclusão

São Miguel de Acha é a povoação que tem um santuário-gruta, onde são feitos holocaustos à deusa Anta. E tem muitos ídolos que fabricam/esculpem e vendem. Pessoas consagradas vivem na rua das Oliveiras. O palacete da Rua do Olival, coincidência, fica no alto do deus, do grande senhor. Tem/teve um reduto ou pequeno forte.



Foto A. Romeiro Carvalho: "palacete na Rua dos Olivais, São Miguel, 2016", p. 127

---

## N. R.

### Em resumo:

De acordo com o autor, bem como de outros referenciados, a origem de São Miguel de Acha, está envolta em lendas, histórias e interpretações linguísticas que remontam a diferentes períodos históricos. A localidade tem uma mistura de influências culturais, religiosas e linguísticas, principalmente decorrentes da presença de povos como os fenícios, cartagineses, romanos, e, mais tarde, os muçulmanos e cristãos.

Principais teorias sobre a origem:

1. Influência Árabe: Uma das teorias mais citadas é a de que o nome Acha tenha origem árabe. O nome teria derivado de *Ayxa* ou *Aixa*, um nome próprio feminino comum em culturas árabes. Outra possibilidade é que o nome venha do termo latino *Acium* (luta, batalha, combate), que teria sido arabizado como Acha. Esta interpretação é reforçada por histórias de batalhas entre mouros e cristãos, com o nome "São Miguel" associado ao arcanjo protetor que teria ajudado os cristãos a vencer os muçulmanos.
2. A Lenda da Princesa Moura: De acordo com a lenda, a localidade era habitada por dois povos separados por um ribeiro: um povo muçulmano, que vivia do lado de Acha, e outro cristão, em São Miguel. A lenda narra que uma princesa moura chamada Ache reinava sobre a aldeia de Acha e, após uma batalha com os cristãos, ela teria se casado com um capitão cristão, unificando as duas povoações num só nome: São Miguel de Acha.

3. Interpretação religiosa e simbólica: Outra interpretação histórica aponta para a possibilidade de São Miguel de Acha ter sido um local de culto mais antigo, ligado a práticas pagãs. Nessa linha de pensamento, "Miguel" seria uma cristianização de termos pré-cristãos, como *megile* (gruta, caverna), indicando a existência de uma gruta onde se realizavam sacrifícios à deusa Anta. Esse culto teria sido cristianizado e dedicado ao arcanjo São Miguel, uma figura de proteção contra o mal, especialmente contra rituais pagãos.

4. Influências pagãs e *mitraicas*: Além das influências árabes e cristãs, existem vestígios arqueológicos que sugerem a presença de práticas religiosas anteriores, como a escultura de ídolos e a presença de sepulturas escavadas em rocha, que poderiam estar relacionadas a cultos pagãos ou *mitraicos*, comuns em áreas rurais durante o período romano.

### Síntese

A origem de São Miguel de Acha reflete uma complexa sobreposição de culturas ao longo do tempo. A presença de lendas locais, a evolução dos nomes e o sincretismo religioso (de rituais pagãos, árabes e cristãos) contribuem para a identidade histórica do seu povo.

As lendas exercem um papel fundamental na constituição das identidades dos povos, funcionando como narrativas que ajudam a moldar a cultura, os valores e a visão de mundo de uma determinada comunidade. Essas histórias, muitas vezes transmitidas oralmente de geração em geração, refletem o imaginário coletivo e os elementos mais profundos da experiência humana e social de um grupo e da sua relação com a natureza, o divino, o sobrenatural, e os eventos históricos que marcaram a sua trajetória.

As lendas transmitem valores, refletem mitologias nacionais e regionais, sendo que muitos povos têm a sua identidade cultural baseada em lendas sobre a sua fundação para explicarem as suas origens. Existe uma conexão com o sagrado e o sobrenatural, pois estas ajudam a explicar o inexplicável, conectando os povos com o divino ou o sobrenatural. Essas narrativas envolvem deuses, heróis, seres mitológicos e eventos misteriosos, dando sentido à vida quotidiana e ao universo onde se inserem. Fortalecem a comunidade e a tradição, ao serem contadas e recontadas, mantêm viva a memória coletiva e reforçam os laços sociais da comunidade. Ao perpetuar as suas tradições, que se adaptam ao longo do tempo, ajudam a manter a coesão social, em torno de uma visão partilhada da sua história e dos valores que essa comunidade herdou. Servem também como uma forma de resistência cultural, já que por força dessas tradições os povos preservam as suas línguas, modos de vida e crenças, em face das pressões externas para assimilação de outros conteúdos.

Em resumo, pode-se dizer que as lendas não são apenas histórias fantásticas, mas peças-chave na formação da identidade cultural, social e histórica de um povo. Ao narrar quem somos, de onde viemos e como nos relacionamos com o mundo em redor, essas histórias conectam-nos ao passado, moldam o presente e projetam o futuro de comunidades inteiras.

### Referências bibliográficas utilizadas pelo autor:

- CARVALHO, Rogério e CABRAL, Madalena Costa. (1994). "A Villa Romana de Barros – Oledo. Primeira Notícia". *Em Portugália*, Nova Série, Vol. XV, pp. 61-77.
- CARVALHO, António Maria Romeiro. (2013). Toponímia e organização espacial. A fundação de povoações, lugares e ruas. *Em Açafa On Line*, nº 6, pp. 204-250. Disponível em [www.altotejo.org](http://www.altotejo.org), em 2 de Outubro de 2016.
- Carvalho, António Maria Romeiro. (2017). *Toponímia de S. Miguel de Acha – Lenda e História*. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.
- Dias, Jaime Lopes. (1953). *Etnografia da Beira*, vol. 8. Lisboa: Livraria Ferin.
- Cardeal Saraiva - D. Francisco de São Luiz. (1837). *Glossário de Vocábulos Portugueses Derivados das Línguas Orientais Excepto o Árabe*. Lisboa: Academia Real de História.
- Milheiro, António. (2002). *São Miguel de Acha. Memórias da Cultura Tradicional*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.
- Santo, Moisés Espírito. (1988). *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa seguido de Ensaio sobre Toponímia Antiga*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Santo, Moisés Espírito. (1989). *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*. Lisboa Assírio & Alvim.

---

### Notas:

1. *Refere-se, ainda, que o "Dicionário Vestígios da Língua Árabe em Portugal", traduz a palavra Ayxa (âixa) como nome próprio de mulher. Esta deriva do verbo âxa A vidente: assim foi chamada a mulher de Mafona, e a mais querida entre as mais que teve.*

Frei Sousa, João, Fei Moura, José, (1830). *VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL*. p.88. Disponível em: [https://books.google.pt/books?id=FmFoQoyND7AC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_atb#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=FmFoQoyND7AC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false).

Nota: A palavra árabe "Axxa" (ou "Aysha", "Aisha", "Aixa", dependendo da transliteração) é um nome feminino que significa "viva" ou "vida". O nome é bastante comum no mundo islâmico, especialmente porque foi o nome da esposa favorita do profeta Maomé, Aisha bint Abi Bakr. O nome carrega conotações de vitalidade e prosperidade, refletindo o desejo de uma vida longa e saudável. Em diferentes contextos, o nome pode ser encontrado em diversas variações, mas a raiz semântica permanece associada à vida e ao vigor. Este significado é geralmente aceite em trabalhos de referência sobre nomes árabes e islâmicos, como: Edward William Lane, Jane Wightwick e Mahmoud Gaafar e Sami A. Hanna e Naquib Greis.

2. *Muitos dicionários dão significado à palavra, para além daquela que o autor mencionou, como arma antiga com a forma de machado; acha de armas (latim: ascia).*

3. A Hipótese de "Megile": se "Megile" se refere a uma divindade ou figura mitológica anterior ou alternativa, não há evidências concretas em fontes históricas e linguísticas amplamente aceites que o conectem diretamente a São Miguel. Contudo, o processo de cristianização – no qual deuses e figuras mitológicas pré-cristãs são incorporadas ou reinterpretadas no cristianismo – aconteceu com muitos símbolos e cultos de divindades pagãs, especialmente em regiões que foram evangelizadas. Um exemplo clássico, que parece ser aqui sugerido, seria a incorporação de tradições celtas, nórdicas ou romanas ao cristianismo medieval, em que certas características de deuses guerreiros ou figuras poderosas foram associadas a santos cristãos. Essa prática ajudou na transição das populações pagãs para o cristianismo, pois facilitava a identificação de novos cultos com elementos familiares de suas crenças antigas. A figura de São Miguel, com sua função de guerreiro celestial e defensor da justiça, poderia ter ressonância em culturas que já possuíam figuras semelhantes na sua mitologia, facilitando sua adoção e veneração.

4. Anat é frequentemente descrita como uma deusa violenta e destemida, conhecida pela sua natureza feroz em combate. Era venerada como protetora do povo, não hesitando em derramar sangue em defesa dos seus interesses e dos seus seguidores. Além de seu papel como guerreira, Anat também é considerada a deusa da fertilidade. A sua união com Baal, o deus da chuva e das tempestades, reflete uma conexão entre fertilidade da terra e a força destrutiva da natureza, equilibrando o ciclo da vida e da morte. O culto a Anat espalhou-se por várias regiões do Oriente Próximo, incluindo a antiga Canaã e o Egito.

5. A ideia de uma "religião cananita-lusitana" não existe formalmente como uma tradição religiosa combinada. No entanto, em termos de comparações académicas ou místicas, podem existir tentativas modernas de traçar paralelos entre ambas, devido a seu caráter politeísta, a importância da fertilidade e o uso de práticas rituais ligadas à natureza. Isso pode ser parte de reconstruções religiosas neopagãs ou espiritualidades sincréticas. A sua referência vem de um contexto mais recente ou místico, pode ser uma tentativa moderna de unir práticas ou conceitos de ambas as culturas como parte de um movimento sincrético espiritual.

6. A expressão pode estar ligada às festas religiosas ou populares associadas a São Miguel Arcanjo, padroeiro da aldeia.

7. "As «sepulturas» escavadas na rocha serão, não sepulturas cristãs, mas taurobólios mitraicos, utilizados antes e depois do século IV, onde os iniciados eram aspergidos com o sangue do touro. «Sepulturas» será a designação por força da falta de outra palavra e pela força do processo de cristianização que, não podendo apagar, apropria-se. Para o provar, percorreram-se dezenas de quilómetros por todo o Concelho de Idanha-a-Nova, fotografaram-se «sepulturas», entrevistaram-se residentes conhecedores destas desde a mocidade (p.2). "(...) há a notar que, a par destas covas/«sepulturas», existem outras escavações nas rochas que são denominadas de lagariças, pias, lagares (...) alguns de utilização comunitária, algumas com muito pouco profundidade. Não se desdenha esta afirmação e função acerca destas escavações. Contudo o facto de, nalguns locais, estarem próximas das covas/«sepulturas» e, principalmente, por serem chamadas de «lagares dos mouros», sabendo que mouros não são os muçulmanos, mas outros muito mais antigos, justifica que se coloque a dúvi-

da nesta generalização, isto é, nem todas, nem sempre terá sido assim. Aliás, as sepulturas e lagariças de Lousa e São Miguel de Acha, por exemplo, estão próximas de villas romanas (pp 18:19).

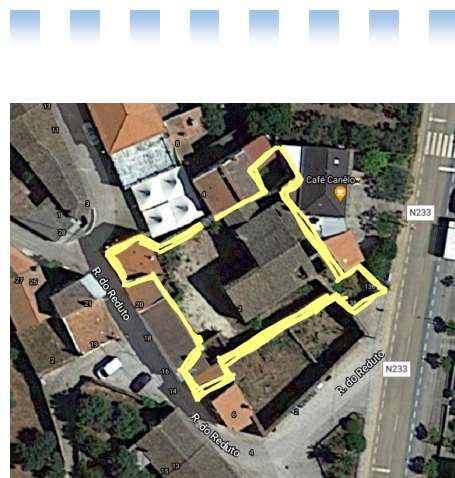
As sepulturas antropomórficas, mais elaboradas, perfeitamente visíveis no cimo de uma aglomeração granítica, fazendo colectivos de dezenas, pertenceriam a uma época mais antiga, em que o culto e religião mitraica, não só eram permitidos, como dela seriam crenças personalidades com destaque nas sociedades locais ou, pertencendo a épocas mais recentes, já dentro do período de proibição, estariam dentro de propriedade de aristocratas romanos, donos de villas, como nos casos, referidos, de Lousa e São Miguel de Acha (p.20)."

Carvalho, Romeiro António. (2009). O Culto de Mitra e as Sepulturas Escavadas na Rocha. In ACAFA, N.º 2. Disponível em: [file:///C:/Users/mapru/Downloads/Historia%20de%20S.%20Miguel%20de%20Acha%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/mapru/Downloads/Historia%20de%20S.%20Miguel%20de%20Acha%20(1).pdf).

**Nota:** Os ídolos mitraicos referem-se às representações e objetos cultuais associados ao Mitraísmo, uma religião misteriosa que floresceu no Império Romano entre os séculos I e IV d.C. O Mitraísmo era centrado no culto a Mithras, uma divindade de origem persa que foi adaptada e sincretizada no contexto romano. A cena mais emblemática é a tauroctonia, onde Mithras é retratado sacrificando um touro. Esta representação simboliza a vitória do bem sobre o mal e a regeneração da natureza. **Esculturas e relevos:** Os ídolos mitraicos incluem figuras e representações esculpidas de Mitra e de outros elementos de culto, como os símbolos astrológicos, o Sol e a Lua, que eram importantes na adoração.

8. Origem Militar: A palavra "baluarte" vem do francês antigo "boulevard" (que também originou a palavra "boulevard") e originalmente significava uma fortificação ou um ponto de defesa. Contudo o termo "baluarte" transcendeu as suas origens militares para se tornar uma metáfora poderosa que descreve algo ou alguém como símbolo de resistência, proteção e defesa, seja em contextos físicos, ideológicos ou culturais.

9. Sabemos que o reduto de S. Miguel de Acha, conhecido como castelo, era também destinado, durante determinado período, a aboletar os soldados do rei se passassem por esta localidade.



(reconstituição da localização do Reduto de São Miguel de Acha)